

Joana Colussi INTERINA

joana.colussi@zerohora.com.br
3218-4709

EMPREGOS CRESCEM DENTRO E FORA DA PORTEIRA NO RS

Enquanto os setores da indústria e dos serviços acumulam saldos negativos na criação de empregos desde o ano passado, o agronegócio tem conseguido aumentar o número de postos de trabalho. Nos primeiros quatro meses do ano, o saldo foi de 17.521 trabalhadores com carteira assinada no Rio Grande do Sul, conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged).

O número é o resultado da diferença entre as admissões e os desligamentos no setor. O saldo positivo é 8% superior quando comparado ao mesmo período do ano passado (veja arte abaixo).

– A indústria e os serviços dependem mais do mercado interno do que o agronegócio. Isso dá um dinamismo maior ao setor – explica Rodrigo Feix, coordenador do Núcleo de Estudos do Agronegócio da Fundação de Economia e Estatística (FEE).

O saldo foi positivo em dois segmentos do agronegócio: dentro e depois da porteira. O primeiro inclui os empregados que atuam diretamente na produção, ou seja, nas lavouras e

no campo. Os 4.429 postos de trabalho criados representam um aumento de 41% em relação aos primeiros quatro meses de 2015.

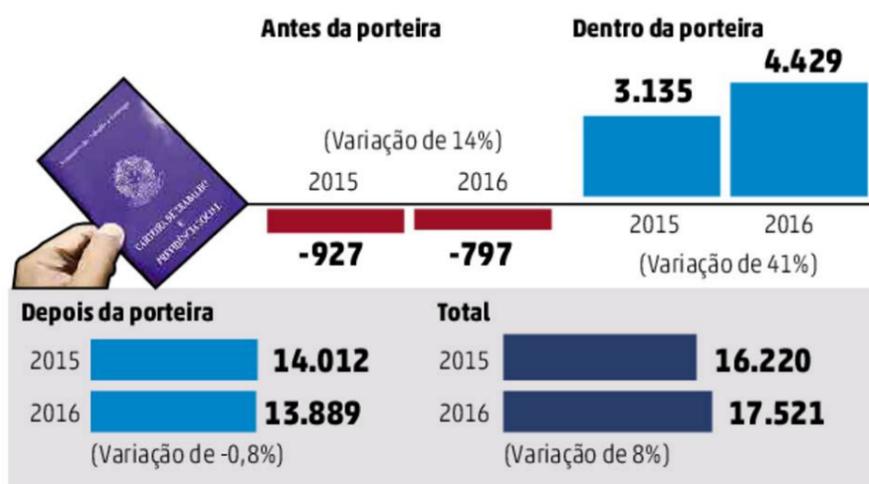
– As culturas temporárias de verão, como arroz e soja, se destacaram na criação de empregos no período – completa Feix.

Responsável pelo maior número de vagas criadas no agronegócio, o segmento depois da porteira segue praticamente estável – com saldo positivo de 13.889 vagas de janeiro a abril. Nesse setor, entra todo o processamento de matérias-primas, como grãos, carnes e leite, além do comércio atacadista.

O único segmento a acumular resultado negativo é o antes da porteira, onde entram as indústrias de máquinas agrícolas, além de empresas de sementes, fertilizantes e defensivos. As fábricas de equipamentos acumulam saldo de empregos no vermelho há 21 meses consecutivos. Apesar do resultado, a redução de postos de trabalho no setor está recuando – dando sinais de recuperação das vendas.

POSTOS DE TRABALHO NO AGRONEGÓCIO

Janeiro a abril no Rio Grande do Sul



Fonte: Caged

ÂNIMOS MAIS AMENOS NO SETOR DO LEITE

Será com ações e implantação de projetos que o Instituto Gaúcho do Leite (IGL) pretende responder às críticas que tem recebido nas últimas semanas de entidades ligadas ao setor. Após ter notificado judicialmente o presidente do Fundo Estadual do Leite (Fundoleite) e secretário da Agricultura, Ernani Polo – por conta da inadimplência ao fundo de três grandes indústrias –, o IGL acirrou os ânimos na cadeia do leite no Estado.

– O modelo do instituto não foi criado para polemizar. Estamos brigando em vez de trabalhar – afirmou Ardêmio Heineck, diretor-executivo do IGL.

Disposto a buscar um projeto de conciliação com o setor, o IGL quer mostrar a importância dos programas que estão em andamento. Um deles é a criação do plano estratégico da cadeia produtiva do leite, em parceria com o Programa Gaúcho de Qualidade e Produtividade (PGQP).

Ontem, o secretário da Agricultura informou que recebeu o retorno da Fazenda sobre o ofício encaminhado, no mês de abril, sobre a inadimplência de empresas na contribuição mensal ao Fundoleite. Segundo Polo, o documento informa que a questão será incluída e priorizada na fiscalização da Receita Estadual.

NO RADAR

A POSIÇÃO a ser adotada pelo governo brasileiro na 7ª Conferência das Partes (COP 7) será debatida em audiência pública hoje na Câmara dos Deputados, em Brasília. A COP 7 ocorre em novembro, em Nova Délhi, na Índia, para discutir medidas globais no combate ao tabagismo.

O PRESIDENTE INTERINO MICHEL TEMER DEVERÁ SANCIONAR NESTA SEMANA A MEDIDA PROVISÓRIA QUE PRORROGA O PRAZO PARA A REALIZAÇÃO DO CADASTRO AMBIENTAL RURAL (CAR) PARA TODOS OS AGRICULTORES ATÉ 31 DE DEZEMBRO DE 2017.



PAULO LANZETTA, EMBRAPA, DIVULGAÇÃO

PRESSÃO NO FEIJÃO

Símbolo da culinária brasileira, o feijão tem atingido preços recordes

no mercado nacional. Ainda não repassado aos consumidores, o reajuste do produto deverá pressionar a inflação dos alimentos em junho. A saca de 60 quilos do feijão carioca, que representa 75% do consumo no país, chegou a ser negociada a R\$ 600 na Bolsinha de São Paulo – referência para formação de preço do produto no país.

O feijão preto, consumido e produzido especialmente no Sul, chegou a R\$ 280 no atacado.

– Todos esses preços são recordes, devido ao sumiço de feijão no mercado – destaca

Carlos Cogo, consultor de mercado agrícola.

A baixa oferta

do produto é reflexo da quebra na primeira e na segunda safras no país, em razão de problemas climáticos no Sudeste e Centro-Oeste. Já iniciada, a colheita da terceira safra de feijão poderá aliviar a pressão nos preços nas próximas semanas.

Mesmo com uma colheita favorável neste ano, com boa produtividade, o Rio Grande do Sul tem o mercado impactado pela redução da produção em outras regiões. Na semana passada, o preço máximo pago ao produtor no Estado chegou a R\$ 218, conforme a Emater.

PECUÁRIA DE CORTE AGITA SÃO PAULO

A pecuária de corte irá movimentar São Paulo nesta semana. De hoje até quinta-feira, a BeefExpo reúne palestras, mostra de raças bovinas e leilões com mais de 500 animais. Na quinta e sexta, também na capital paulista, ocorre a Exposição Tecnológica da Cadeia Produtiva da Carne (InterCorte). Um dos destaques é o Caminho do Boi, montado no Centro de Exposições do Ibirapuera, onde será mostrado o processo de produção da carne.

O Valor Bruto da Produção (VBP) agropecuária no Rio Grande do Sul para o ano está estimado em

R\$ 55,29 bilhões

O valor é 4,6% menor em relação a 2015. As informações foram divulgadas ontem pelo Ministério da Agricultura.